

- SARCEVIC, S. (1985): "Translation of Culture-Bound Terms in Laws". *Multilingua*, vol. 4, no 3, pp. 127-133.
- SAUSSURE, F. DE (1916): *Cours de linguistique générale*. Paris (Ed. critique Tullio de Mauro. 1982).
- SCHROTH, P.W. (1986): "Legal Translation". *American Journal of Comparative Law*. 34, suppl., pp. 47-65.
- SOURIOUX, J.-L. et LERAT:(1975): *Le langage du droit*. Paris.
- STEINER, G. (1992): *After Babel*. 2e  d., Oxford, Oxford University Press.
- "Traduction juridique (La)" (1987). *Les Cahiers de droit*. Québec, 28, 4.
- VINAY, J.-P. (1967): "Peut-on enseigner la traduction?", Montréal, *Journal des traducteurs*, II, 4:141.
- WESTON, M. (1983): "Problems and Principles in Legal Translation". *The Incorporated Linguist* 22-4: pp. 207-211.

## A qualidade da pesquisa em tradutologia: evoluir sempre

Daniel Gile<sup>1</sup>

Tradu o de Alessandra da Silveira Bez,  
Camila Rocha de Moraes, Jorge André Silveira Pires<sup>2</sup>  
Revisão de Sandra Dias Loguercio<sup>3</sup>

### 1 Como se aprende a pesquisar? O caso da tradutologia

A reflexão sobre a tradu o data da Antiguidade. A tradutologia enquanto disciplina universitária, pretensamente aut noma, nasceu nos anos 1970. Ela se articula em duas culturas científicas. Uma se situa na tradi o da reflexão teórica, às vezes filosófica e às vezes literária, que é associada geralmente às Ciências Humanas. A outra é de cunho essencialmente empírico e se inspira na "ciência can nica", cujo protótipo mais conhecido é provavelmente a Física. Essas duas culturas universitárias, que correspondem às duas culturas científicas já analisadas há mais de meio século por Paul Snow (1959/1990) em um contexto muito mais geral, distinguem-se por seus métodos e normas operacionais, mas compartilham outras normas ou aspira es fundamentais, dentre estas, a meticulosidade, a sistematicidade, a exaustividade e o rigor.

Quando se avalia a qualidade da pesquisa em nível coletivo, disciplinar, pergunta-se com frequência sobre os resultados, e especialmente sobre sua utilidade para a sociedade. Em uma disciplina jovem que não dispõe ainda de uma sólida tradi o de forma o em pesquisa, talvez seja mais imprescindível se perguntar sobre a qualidade científica do trabalho, ou seja, sobre o respeito às normas científicas pertinentes nos estudos realizados.

Em geral, no ambiente universitário, essas normas são aprendidas em parte em um contexto de aulas expositivas, que apresentam elementos de epistemologia, conceitos, métodos e paradigmas de pesquisa, geralmente desde o

1 ESIT, Universidade Paris Sorbonne Nouvelle. Publicado em D'Amelio, Nadia (org.). 2013. *La recherche en interprétation : fondements scientifiques et illustrations méthodologiques*. Mons; CLPA. 19-36.

2 Alunos do Curso de Bacharelado em Letras – Tradu o, Franc s.

3 Professora do Departamento de Léguas Modernas, Instituto de Letras, UFRGS.

primeiro ano de estudo. São aprendidas também por mimetismo, ao observar pesquisadores experientes em seu trabalho e ao ler suas publicações. No entanto, nada substitui a prática sob supervisão e com a ajuda de um pesquisador qualificado e experiente que guia o estudante com sugestões e correções. Como complemento dessa formação inicial, o pesquisador adquire experiência ao longo da carreira e se beneficia com diversos tipos de supervisão, notadamente com a revisão feita por seus colegas, que o ajudam a aprimorar suas competências e a corrigir eventuais dificuldades.

Nos campos da tradutologia que estão próximos das Ciências Humanas, quando os estudantes aprendem a pesquisar junto a seus professores universitários de diferentes departamentos, seja de literatura comparada, filosofia ou sociologia, a formação pode se dar de uma maneira clássica, como ocorre habitualmente nessas disciplinas.

Contudo, basta examinar o vínculo institucional dos autores de artigos publicados nas revistas de tradução para constatar que grande parte deles não são universitários no sentido tradicional, mas dão aulas em programas de formação de tradutores e intérpretes. Em matéria de interpretação de conferências, essa tendência, já observada por Pöchhacker (1995), só aumentou ao longo dos últimos vinte anos, com exceção do Japão talvez, onde encontramos nos artigos publicados em *Interpreting and Translation Studies*, a revista da *Japan Association for Interpreting and Translation Studies*, autores universitários que não são tradutores ou intérpretes. Na pesquisa sobre a interpretação de serviço público, constata-se também a presença de pesquisadores de outras áreas.

Nos programas de formação profissionalizantes, o enfoque é a aquisição de um *savoir-faire* tradutório onde a pesquisa está com frequência ausente ou é reduzida ao mínimo. Os próprios professores, nesses casos, frequentemente com o título de mestrado, raramente passaram por uma formação envolvendo pesquisa. O que resulta em problemas endêmicos que são por vezes evocados na literatura (ver, por exemplo, Toury, 1980: 26,80; Pym, 1994: 147; Toury, 1995: 262; Jääskeläinen, 2000; Pöchhacker, 2009; Lederer) e que dizem respeito a todo o processo da pesquisa, da escolha de um tema à redação de um relatório conforme às normas textuais em vigor, passando pela análise da literatura existente, pela seleção dos métodos de pesquisa, sua execução, pelo tratamento dos resultados e pelas inferências. Daí a necessidade de se refletir sobre como remediar essa situação.

## 2 Desafios para os estudantes que iniciam a pesquisa em tradução

### 2.1 A escolha de um tema e de um método

Os estudantes em tradução e em interpretação têm uma infinidade de problemáticas que os interessam. Na verdade, eles têm em mente temas e pergun-

tas pertinentes e por vezes muito importantes para os quais gostariam muito de encontrar respostas ou soluções. No que diz respeito à interpretação, eles se perguntam sobre a linha a seguir, a memória de trabalho, métodos de documentação, estresse dos intérpretes, sua personalidade, suas características neurolinguísticas, tomada de notas em consecutivas, evolução de seu *savoir-faire*, suas táticas (frequentemente chamadas de “estratégias” na literatura), etc.

As problemáticas, porém, não bastam. É preciso operacionalizar e formular perguntas de pesquisa de maneira que se possa escolher e executar métodos de investigação precisos. É nesse momento que surge um primeiro obstáculo para inúmeros estudantes. É muito comum que as questões, tais como eles as articulam inicialmente, não sejam adequadas a um trabalho de pesquisa em si, pois são vagas e ambiciosas demais, ou não passíveis de serem estudadas por um método de pesquisa concreto. Assim, muitos são os estudantes que se encontram “travados” em uma linha de partida sem conseguir avançar. Outros começam seus trabalhos, mas se encontram bloqueados algum tempo depois frente a uma dificuldade que não haviam previsto, por não terem planejado sua pesquisa de maneira suficientemente sistemática.

### 2.2 Impasses ambientais e recursos

Uma outra série de desafios espera os estudantes quando optam por um assunto, perguntas de pesquisa e um método de investigação.

Alguns estão relacionados aos impasses “ambientais”, como o acesso muito limitado a intérpretes ou a outros participantes que tiveram as qualificações técnicas e combinações linguísticas necessárias para a execução de certos métodos, experimentais, por exemplo, assim como a dificuldade em acessar equipamentos, ou até a literatura pertinente.

Outro impasse ambiental é o tempo limitado de que dispõem para preparar ou executar seu projeto, seja no que diz respeito à duração total que lhes concedem as regras institucionais para concluir o curso, seja quanto ao tempo diário de que dispõem para se dedicar à pesquisa quando têm outras atividades pessoais e profissionais que lhes exigem horas consideráveis de trabalho. Sobretudo no caso do mestrado, menos no doutorado, este é um recurso que devem gerenciar com sabedoria e eficácia para planejar o projeto, para ajustar, para adquirir conhecimentos e *savoir-faire* complementares eventualmente necessários, sem contar a redação do texto definitivo que, contrariamente ao que se tem tendência a imaginar, é em geral mais demorada e exige inúmeras releituras e revisões.

Finalmente, em muitos programas de formação de tradutores e intérpretes, existem poucos professores habilitados a orientar as pesquisas e suas competências não abrangem todo o leque de assuntos e métodos que podem

interessá-los. Por isso, a iniciação dos estudantes em tradutologia nem sempre é de qualidade satisfatória.

### 3 Evoluir sempre: algumas reflexões

Apesar disso, como exige o meio universitário, a pesquisa é obrigatória para se ter o diploma em um grande número de programas de mestrado<sup>4</sup>, assim como é necessária para os cargos de professores, tornando-se indispensável, enfim, para a sobrevivência da pesquisa em tradução enquanto disciplina universitária, e até mesmo talvez para a manutenção do estatuto universitário da formação em tradução e em interpretação. Cabe pensar então sobre os meios de facilitar o acesso a essa formação aos estudantes, mantendo ao mesmo tempo sua qualidade, ou até aprimorando-a.

#### 3.1 Desconstruir o mito da complexidade intrínseca da pesquisa

Um obstáculo intimidante para muitas pessoas potencialmente interessadas na pesquisa é a ideia de que essa é necessariamente difícil e está fora do alcance dos mortais. Imagina-se que é feita de fórmulas complexas, matemáticas ou outras, de ferramentas de análise e de medidas aperfeiçoadas, números mais ou menos exotéricos. Uma parte da pesquisa permite certamente o uso de elementos desse tipo, com os quais até mesmo os pesquisadores "literários" podem se familiarizar. No entanto, o que é importante fazer com que esses estudantes observem é que uma grande parte da atividade científica não recorre a esses recursos; e que basicamente a qualidade de um trabalho de pesquisa não depende nem de sua complexidade, nem de sua dificuldade, mas da aplicação e do rigor com que se planeja, se observa, se registra e se pensa, enfim, a pesquisa. Isso é evidente para qualquer um que estude a história das ciências e das descobertas em diferentes campos, inclusive o das Ciências Naturais.

Em pesquisa de tradução, encontrar-se-ão também muitos exemplos de trabalhos cuja montagem não comporta nenhuma complexidade. Os questionários sobre as expectativas e a percepção no que diz respeito à qualidade da interpretação são bons exemplos. Experiências simples sem manipulação de variáveis são outro exemplo, análises de erros em *corpus* autêntico (ou naturalista), eventualmente complementadas por protocolos retrospectivos, a ob-

<sup>4</sup> Vale salientar aqui a diferença entre mestrado acadêmico e mestrado profissional, ambos bastante difundidos na França. O primeiro é mais voltado à pesquisa científica e à carreira acadêmica, acolhendo com frequência estudantes com formação universitária, mas não necessariamente com experiência profissional. Já o mestrado profissional privilegia aspectos do trabalho em tradução e valoriza a experiência profissional trazida pelo ingressante, sendo bastante comum seu encaminhamento para cargos operacionais em empresas ou agências. (N.T.)

servação em campo da interação entre colegas intérpretes e, de maneira mais geral, entre atores participantes de uma reunião na qual houve interpretação constam também da lista dos métodos relativamente simples que permitem obter resultados interessantes (ver, entre muitos outros exemplos, Strolz, 1992; Ivanova, 2000; Vik-Tuovinen, 2000; Napier, 2004; Gile, 2011; Anazawa *et al.*, 2012; Martin e Taibi, 2012).

Para se ter um exemplo concreto, ao pedir a falantes nativos que verbalizem uma ideia simples que lhes é apresentada graficamente em um mesmo contexto situacional e comunicativo, constata-se sempre uma variabilidade nos enunciados, seja qual for a língua. Constata-se também que, durante a segunda verbalização pelas mesmas pessoas, uma parte delas produz enunciados diferentes dos primeiros e não têm consciência disso. Essa experiência replicada mais de cem vezes desde 1979 possibilitou inferências fundamentais que apoiam o procedimento interpretativo da tradução desenvolvido por Selleskovitch e Lederer (ver, por exemplo, Gile 2005, capítulo III). Contudo, a montagem não poderia ser mais simples, e os números intervêm apenas de maneira acessória, para mostrar que os fenômenos constatados são frequentes e não dizem respeito a um concurso excepcional de circunstâncias.

Não cabe aqui fazer uma avaliação da qualidade científica dessa experiência. Em contrapartida, se considerarmos que um prêmio Nobel de economia é um critério de qualidade, pode-se citar o trabalho do psicólogo Daniel Kahneman, que descreve em seu livro *Thinking Fast and Slow* (2012) experiências muito simples que o fizeram avançar muito na exploração de certos aspectos do comportamento humano. Ele os apresenta inclusive ao grande público de maneira muito acessível, até lúdica. Sua demonstração é ainda mais convincente porque ele tem dupla formação, é psicólogo e matemático, além de ter ensinado estatística por muitos anos.

Quando não se tem uma formação completa nos métodos de pesquisa e especialmente em estatística, não se domina necessariamente as técnicas complexas, o que pode levar às vezes a graves erros, invalidando os resultados obtidos. Métodos mais simples dão frequentemente resultados mais sólidos, com um risco menor de perda do domínio intelectual da montagem e da progressão do trabalho. Fazer com que os estudantes compreendam essa questão já é meio caminho para motivá-los.

É verdade que, quando avançamos na exploração de um fenômeno, construções e ferramentas mais complexas em geral asseguram sua continuidade. É o caso, em especial, da psicologia cognitiva e da psicolinguística, em que montagens experimentais sabiamente arquitetadas são escolhidas como método para distinguir teorias, e nas quais os estudantes se familiarizam inclusive com os métodos de pesquisa desde os primeiros anos de estudos. Porém, em outras disciplinas, e especialmente em tradução, ainda há muito a se descobrir com meios mais modestos.

Para evitar qualquer mal-entendido, observemos que a simplicidade dos métodos não implica de forma alguma um descaso ou qualquer tipo de renúncia à qualidade do trabalho. Ao contrário, tais metodologias apresentam – em minha opinião – um campo muito mais fértil para a aprendizagem inicial do rigor científico do que as montagens e ferramentas complexas. É mais fácil, sobretudo, sensibilizar os alunos em relação a equívocos no que diz respeito a operações e raciocínios simples do que lhes fazer compreender as fragilidades de certas escolhas táticas em uma montagem em que um indicador quantitativo serve para colocar à prova das estatísticas inferenciais uma hipótese derivada de uma teoria por um encadeamento lógico que eles têm dificuldade em acompanhar.

Conhecer métodos e técnicas “avançadas” não é suficiente para conceber e realizar um bom trabalho de pesquisa. É surpreendente ver trabalhos, projetos de tese e até mesmo publicações cujos autores desenvolvem toda uma panóplia de ferramentas metodológicas, como fórmulas de avaliação da “legibilidade” (o grau de dificuldade de compreensão de leitura) ou testes estatísticos, e expliquem adequadamente seu emprego geral para utilizá-los, por fim, em montagens experimentais frágeis. Esse tipo de pesquisador deseja explorar as diferenças nos processos cognitivos que intervêm, por um lado, nos tradutores e, por outro, nos intérpretes, selecionando-os para uma experiência de tradutores-intérpretes, a fim de traduzir um texto e interpretar outro na modalidade de interpretação simultânea com texto. Mas será necessário dizer que os intérpretes que são igualmente tradutores não são necessariamente os mais indicados para representar de forma válida intérpretes “puros” e tradutores “puros”? Ou será que a simultaneidade com texto é um modo híbrido de interpretação que pode se aproximar mais da tradução à vista do que da interpretação? Outro exemplo: um autor procurou em vão em seu estudo uma correlação consistente entre a legibilidade dos textos de partida e a dificuldade de traduzi-los, simplesmente porque ele não havia levado em conta o fato de que vários problemas, talvez a maioria deles, surjam apenas durante a fase de reformulação, após o nível da compreensão, mesmo que o texto de partida tenha sido bem compreendido. Ou ainda: um pesquisador, também interessado na avaliação da dificuldade relativa dos textos com os quais trabalha o tradutor profissional, utilizou de maneira perfeitamente correta diferentes instrumentos, mas para analisar as traduções de estudantes em línguas estrangeiras que escreviam suas traduções à mão e que dispunham apenas de dicionários bilíngues como fontes de informações complementares, desprezando os princípios de validade ecológica mais elementares. Esse mesmo pesquisador quis, aliás, comparar a qualidade das traduções de dois grupos de estudantes que não estavam na mesma etapa da formação, admirando-se ao constatar que os estudantes dos níveis menos avançados tinham ido melhor no conjunto dos resultados do

que os estudantes dos níveis mais avançados. O problema é que todos os estudantes do primeiro grupo haviam sido selecionados em uma universidade renomada por ter um programa de formação de boa qualidade, ao passo que aqueles do segundo grupo vinham de uma outra universidade onde estavam inscritos em um programa menos conceituado. Trata-se, nesse caso, de um erro fundamental na concepção da experiência, cometido por alguém que parece dominar bem, todavia, as técnicas de pesquisa propriamente ditas.

A meus próprios estudantes de mestrado e de doutorado, recomendo escolher temas e desenvolver métodos de tal modo que conservem sempre o domínio conceitual de seu trabalho, que compreendam cada uma de suas escolhas e cada uma de suas inferências para que possam justificá-las de forma clara e que saibam sempre em que fase estão da pesquisa. Hande Ersög Demirdag (2013), por exemplo, observou e filmou estudantes que aprendem interpretação consecutiva e chegou a constatações e conclusões interessantes a partir da análise dos trabalhos realizados, como anotações que fizeram durante os exercícios e as opiniões emitidas durante os protocolos de retrospectão. Sua reflexão é aprofundada, embora o método enquanto tal seja simples, uma vez que os números falam por si sem estatísticas inferenciais.

### 3.2 Organizar-se em mestrado profissional

Em alguns ambientes, especialmente na universidade belga de Mons, existem colaborações transdisciplinares que permitem que estudantes de tradução ou de interpretação adquiram, no decorrer de seus estudos, elementos metodológicos relacionados à pesquisa, para num segundo momento recorrer, de maneira transdisciplinar, aos conselhos de pesquisadores bem formados. Esses ambientes privilegiados são, porém, mais exceção do que regra. Na maioria dos programas de formação de tradutores e de intérpretes, os estudantes de mestrado e até os doutorandos não têm as mesmas condições. Para esses casos, parece interessante então criar estratégias de iniciação à pesquisa.

Tratarei, inicialmente, dos princípios destinados aos estudantes que cursam um mestrado profissional (de tradução ou de interpretação), que dispõem de pouco tempo para a pesquisa e cuja motivação nem sempre é forte.

Para esses estudantes, proponho estratégias que visam a um equilíbrio ideal entre o investimento pessoal a ser feito e os resultados. Afinal, nessa etapa, o objetivo principal não é realizar grandes descobertas, mas sobretudo iniciar os estudantes na pesquisa que responda a exigências institucionais. Um efeito secundário bem-vindo, nesse caso, seria a descoberta do prazer que pode proporcionar a pesquisa, prazer que dará a alguns deles o desejo de fazer o doutorado e de prosseguir seus estudos.

Mas seria apropriado a esse perfil de aluno introduzir aulas com o mínimo de pesquisa, de estatística, ou até de epistemologia? Não penso dessa forma,

visto que uma grande parte desses conteúdos não seria diretamente pertinente para seus projetos de pesquisa. O esforço exigido para assimilar conceitos, como os diferentes tipos de validade, a taxionomia dos procedimentos de pesquisa, ou elementos de estatística inferenciais, entre outros, seria considerável, e uma grande parte desse conhecimento seria rapidamente esquecido por não ser colocado em prática.

Proporia, preferencialmente, uma apresentação das normas mais fundamentais da pesquisa científica, assim como uma ajuda na definição do tema de pesquisa, se o estudante solicitasse, e sobretudo um acompanhamento de perto, não sendo a ideia aqui impor o que quer que seja, mas encorajá-lo e ajudá-lo, “dando uma mão” a cada vez que ele se encontra diante do que considera como um impasse. Evidentemente proponho também que o tema e o método recomendados para cada um estejam adaptados a seus conhecimentos e a seu *savoir-faire*, o que implica chamá-los à realidade quando se mostram muito entusiasmados com uma área que está claramente fora de seu alcance. Vários estudantes, por exemplo, entram em contato comigo pedindo-me sugestões para começar um trabalho de pesquisa sobre interpretação sob a perspectiva da neurolinguística, sendo que sua bagagem é somente a de uma formação de tradutores ou de intérpretes.

Eventualmente, no nível do mestrado, a reaplicação de um método com aperfeiçoamento de um trabalho de pesquisa já existente pode ser a melhor indicação para um estudante pouco seguro: ele poderá assim contribuir para a consolidação e para a ampliação dos conhecimentos junto à comunidade de tradução e sentir certo prazer em descobrir os resultados de seu trabalho ao analisar seu *corpus*, mas não terá de passar por um caminho muito longo e incerto, como aqueles que estão começando, para buscar um tema, questões de pesquisa e um método.

Como trabalhos de pesquisa originais (em oposição aos de reaplicação) para os estudantes de mestrado profissional, podemos, por exemplo, propor a observação sistemática e rigorosa de uma atividade tradutória pouco explorada para detectar regularidades, problemas, táticas, falhas, o estudo de características peculiares de um *corpus* autêntico, como documentos de áudio de exercícios de interpretação, estudos cientométricos, análises de citações feitas em aula ou em grupo durante um ano de curso ou análise de discurso e de suas interpretações vinculadas pelo rádio ou pela televisão, o que, com a multiplicação das cadeias de televisão e da internet, tornou-se possível. Esses estudos cientométricos e análises de citações (no sentido que encontramos na literatura de língua inglesa, que corresponde mais às referências bibliográficas do que a citações literais do que se disse) não são muito atraentes à primeira vista para a maioria dos estudantes. No entanto, quando eles se interessam por esse tipo de análise, normalmente aprendem a gostar delas: por um lado, porque são levados a descobrir um grande número de textos e, por outro lado, porque mos-

tram características gerais da pesquisa que não são necessariamente visíveis aos olhos da comunidade de tradução. No mestrado, por exemplo, podemos nos contentar com a análise “manual” de um *corpus* limitado para ter a visão global da produção tradutológica de um determinado país. No doutorado, podemos levar essa pesquisa adiante, eventualmente, utilizando compilações e análises automáticas com cálculos de índices matemáticos, mas estas não são indispensáveis, e podemos chegar certamente a resultados interessantes sem esses instrumentos (ver, entre outros, Nasr, 2010).

A análise das citações apresenta, aliás, outras vantagens para estudantes pouco motivados e que dispõem de um tempo limitado para a pesquisa. Primeiramente, o método de análise de base é simples e todo traçado, e o estudante que o compreendeu e o seguiu está certo de que vai chegar ao fim do processo sem correr o risco de se deparar com uma dificuldade insuperável (contanto, claro, que possa ter acesso à matéria original). Em segundo lugar, quanto à formação em pesquisa, a análise das citações comporta elementos quantitativos que podem ser simples, mas também aspectos qualitativos que decorrem, por exemplo, da necessidade de criar categorias e de classificar obras e citações (ver Gile, 2006). Essa análise de citações permite, portanto, introduzir o estudante à pesquisa quantiquantitativa e desenvolver uma conscientização do caráter artificial da conceitualização das duas como estritamente desvinculadas. Em terceiro lugar, o estudante encontrará problemas práticos a serem resolvidos na organização e na preparação para análise de dados numerosos através da utilização de uma base de dados ou de arquivos de planilhas eletrônicas. Os estudos centrados nas citações constituem, portanto, uma iniciação gradual em questões práticas fundamentais que caracterizam um grande número de trabalhos empíricos sobre diferentes assuntos e em diferentes áreas.

O princípio que talvez deva ser compreendido pelos estudantes a fim de encorajá-los é que toda pessoa inteligente é capaz de realizar um trabalho de pesquisa que pode trazer uma verdadeira contribuição à comunidade científica, contanto que o projeto realizado corresponda à sua motivação e a seu nível de conhecimento e de *savoir-faire* técnico.

### 3.3 Organizar-se em mestrado acadêmico e em doutorado

Em mestrado acadêmico, o problema da motivação inicial não aparece como o do mestrado profissional. Em compensação, a pesquisa é desenvolvida em um percurso a longo prazo, e as exigências podem, de maneira legítima, serem mais rigorosas. No entanto, em termos de familiaridade com a pesquisa, a situação dos estudantes em tradutologia é, de forma geral, muito comparável a dos estudantes em mestrado profissional, as bases a serem adquiridas são

as mesmas, e no contexto europeu atual advindo do processo de Bolonha<sup>5</sup>, as restrições de tempo são severas.

Por isso, na tradutologia, a aquisição de uma competência metodológica consistente durante o mestrado só parece concebível em um mestrado especializado e bem contextualizado, onde todos os estudantes trabalham assuntos semelhantes que requerem a mesma metodologia ou métodos próximos em um programa de formação intensivo e bem coordenado entre pesquisadores experientes. Se, por exemplo, a instituição em questão dispõe de docentes psicólogos, estes podem oferecer disciplinas e introduzir os estudantes a seus métodos, especialmente experimentais e estatísticos, com exercícios práticos capazes de lhes dar, em um ano, uma base relativamente sólida. Essa situação apresenta, no entanto, o inconveniente de uma formação muito especializada e pouco aberta a outros caminhos e paradigmas de pesquisa existentes e pertinentes. Percebo, de fato, certo número de jovens pesquisadores oriundos dessa formação se apoiarem em paradigmas experimentais no sentido estrito e desprezarem todo valor científico das investigações naturalistas e, de maneira geral, tudo o que não é baseado em experiências rigorosamente controladas, com uma hipótese nula a ser verificada por estatísticas inferenciais.

De modo geral, a aquisição de competências aprofundadas de pesquisa só será feita uma vez que o percurso doutoral propriamente dito tenha sido iniciado, através, por exemplo, das formações complementares em disciplinas conexas, ou a partir do estágio, sob a supervisão do orientador.

De qualquer maneira, parece-me que é essencial, antes mesmo de passar às técnicas, compreender bem as normas subjacentes que caracterizam a pesquisa científica em geral. Ora, como foi mencionado anteriormente, na área da tradução, os orientadores são geralmente advindos da prática da tradução e da formação dos tradutores e intérpretes, sendo que eles próprios não tiveram formação em pesquisa. Em compensação, os estudantes que se lançam na pesquisa foram geralmente sensibilizados pelas dificuldades particulares à aprendizagem ou à prática de seu *métier* ou futuro *métier* e visam a resultados práticos que permitem vencer essas dificuldades. Para estes, é particularmente importante compreender duas ideias:

- a pesquisa é essencialmente uma exploração e não uma prescrição. O discurso prescritivo não faz parte da pesquisa, mesmo que resultados descritivos e analíticos possam servir de base para uma ação prescri-

<sup>5</sup> A Declaração de Bolonha (19 de junho de 1999) — que desencadeou o denominado Processo de Bolonha — é um documento conjunto assinado pelos ministros da Educação de 29 países europeus, reunidos na cidade italiana de Bolonha. A declaração marca uma mudança em relação às políticas ligadas ao ensino superior dos países envolvidos e estabelece em comum um Espaço Europeu de Ensino Superior a partir do comprometimento dos países signatários em promover reformas de seus sistemas de ensino. (N.T.)

tiva posterior. Portanto, é melhor abster-se de buscar, através de um projeto único, como uma pesquisa de doutorado, um resultado prescritivo de validade geral quanto ao ensino ou à prática da tradução ou da interpretação;

- por outro lado, geralmente necessita-se bem mais do que de um único estudo para encontrar uma resposta a uma pergunta fundamental no que diz respeito à formação ou à prática da tradução. Somente a acumulação de resultados convergentes através das reaplicações, das variantes e de outros estudos permitirá sanar dúvidas e incertezas relacionadas à variabilidade dos fenômenos e à heterogeneidade das populações. Se proponho sensibilizar os pesquisadores iniciantes para essa questão, não é para desencorajá-los, mas ao contrário, para poupá-los da eventual pressão de uma obtenção de resultados práticos ao término de sua pesquisa.

#### 4 Propostas concretas para avançar

##### 4.1 Leitura crítica

A leitura crítica é uma escolha metodológica para sensibilizar os estudantes para as normas científicas fundamentais, iniciando-os, ao mesmo tempo, em um amplo espectro de abordagens e métodos de pesquisa aplicados à tradução. Com efeito, para esse fim, os professores podem selecionar trabalhos realizados com diferentes metodologias, destacar as escolhas dos autores e explicá-las, analisar seus pontos fortes e fracos para que os estudantes possam inspirar-se em bons exemplos e tomar conhecimento das opções existentes. Esses exercícios, praticados com textos que referem estudos empíricos, parecem úteis não somente para os estudantes interessados pela pesquisa relacionada ao processo científico canônico, mas também para os que se voltam mais para a reflexão filosófica, sociológica ou cultural-literária e para a teoria em geral. Os exercícios não somente permitem que apreendam a complexidade e, às vezes, a inconsistência dos dados e das inferências com base nas quais as teorias são com frequência construídas, mas também permitem a observação das inconsistências, mais fáceis de serem demonstradas na pesquisa empírica. Como mostram os exemplos a seguir, nesse tipo de trabalho encontram-se, de fato, elementos concretos, factuais e lógicos em torno dos quais facilmente se chega à unanimidade. Na pesquisa teórica — nas Ciências Humanas e, particularmente, na tradução —, entre eventuais críticas formuladas, pode estar a dificuldade em fazer a distinção entre a descoberta de inconsistências reais e a expressão de preferências do autor.

Para tirar o máximo de conteúdo e de lições dos exercícios de leitura crítica, estes deveriam, em princípio, ser feitos com textos completos. Contudo, os estudantes têm tendência a se perder no volume de informações e têm dificuldade para extrair o que há de primordial do estudo em questão. Desse modo, parece prudente ajudá-los na primeira etapa da formação, propondo o foco em alguns itens, isto é, propondo uma apresentação, não dos textos completos, mas de uma formulação sintética – feita pelo professor – dos elementos que trazem problemas.

Por exemplo, pode-se propor a reflexão crítica para os seguintes casos:

- a. “Uma investigação sobre a percepção da qualidade da interpretação foi realizada junto a clientes (representantes de comissões, por exemplo) com a ajuda de intérpretes voluntários que os entrevistaram nas conferências onde trabalhavam.”

Nesse exemplo, ao se perguntar para os estudantes se identificam um problema na concepção do estudo, em geral, conseguem perceber, por motivos fáceis de compreender, que as respostas dos representantes dadas a um intérprete sobre sua própria atuação correm o risco de não refletir a realidade de suas reações, e melhor seria confiar a entrevista a outras pessoas para evitar esse problema.

- b. “Numa pesquisa sobre o efeito de turnos prolongados em cabine, foi solicitado aos intérpretes participantes que trabalhassem além dos trinta minutos tradicionais e parassem assim que notassem que seu trabalho deixava de ter qualidade profissional. O pesquisador relatou que os intérpretes não interromperam o trabalho quando começaram a aumentar o número de erros. Concluiu, por isso, que os intérpretes não estavam conscientes de seus erros.”

Nesse segundo exemplo, os estudantes geralmente reconhecem a falha da conclusão: os intérpretes podiam perfeitamente estar conscientes dos erros que cometiam, mas, apesar disso, julgavam que seu trabalho ainda permanecia em um nível profissional aceitável.

Pode-se igualmente fazer com que os estudantes reflitam sobre análises nas quais o autor se concentra em um discurso de chegada e apresenta a razão de uma escolha do intérprete (será que ele teve realmente escolha?), sem, no entanto, buscar outras motivações possíveis, examinando exaustivamente cada uma delas, para avaliar a plausibilidade da escolha. É importante compreender que tal método não está conforme ao ceticismo, sistematicidade e rigor científicos. Mesmo que o autor em questão tenha uma longa experiência

profissional e uma intuição que tornam sua argumentação aceitável, segundo as regras do jogo, isso não altera em nada o fato de que, se uma “prova” lógica ou se dados e um argumento sólidos não forem acrescentados para validá-la em relação a outros argumentos possíveis, ela não passa de uma hipótese e não deve ser objeto de afirmações. É particularmente importante que os estudantes compreendam que a pesquisa se define em relação a certas *regras do jogo*. Ela não é o único modo de explorar o mundo e, em função da situação e dos objetivos, não é necessariamente o mais rápido e nem o mais eficaz. Suas vantagens específicas, que podem surgir após um tempo mais ou menos longo, só podem ser reivindicadas, porém, se suas normas fundamentais forem respeitadas.

Os exercícios de leitura crítica podem também ser feitos com artigos completos, talvez em uma segunda etapa. Além da possibilidade de adquirir conhecimentos sobre a área em questão e a pesquisa associada, os alunos ainda podem praticar uma leitura integral, sem contar com os recortes feitos pelo professor, extraíndo por si próprios o essencial a partir de um volume de informações, às vezes, muito grande. Podem também fazer uma leitura crítica da forma: o texto é claro? É claro o suficiente, nas propostas e conclusões do estudo realizado, para que o leitor saiba o que o autor fez, o que encontrou e por que concluiu o que concluiu? A leitura é agradável? Etc. O respeito aos princípios do rigor, da prudência e da explicitação são expressos principalmente pela forma e, às vezes, podem ser avaliados somente na leitura integral do texto.

#### 4.2 Escolha do tema e planejamento da pesquisa

Deixando de lado os casos de reaplicação e estudo de um objeto, torna-se importante para os estudantes, quando escolhem um tema de pesquisa, articularem o trabalho em questões e métodos de pesquisa, em recursos disponíveis e dificuldades existentes. Como foi explicado anteriormente, os alunos tendem a empregar um tempo muito longo para escolher um assunto e um método viável, e as dificuldades nessa etapa preliminar os induzem seguidamente a comprometer a pesquisa. Desse modo, parece útil, e mesmo indispensável, procurar ajudá-los nessa tarefa.

Uma fórmula encontrada em várias formações acadêmicas, nas ciências ditas naturais, consiste em destinar, para cada ingressante, um tema no âmbito de um projeto que está sendo desenvolvido em um laboratório ou propor-lhe uma lista de temas predeterminados. Nesse sistema, os estudantes se encontram em um ambiente onde serão acompanhados e, em geral, apoiados. Seria necessário ainda, para os estudantes avançarem, que existisse uma verdadeira equipe trabalhando em um tema. Tal configuração é rara na pesquisa em interpretação de conferência, mas há exceções, como o caso do grupo de Collados Aís, da Universidade de Granada, na Espanha, que estuda há anos os aspectos da qualidade de interpretação de conferência (ver Collados Aís *et al.*, 2007).

Outra possibilidade cuja aplicação didática é mais ampla consiste em realizar em aula exercícios de planejamento de pesquisa. Trata-se, mais especificamente, de apresentar problemas – por exemplo, a direcionalidade em interpretação, a percepção da qualidade, os problemas éticos na interpretação pública, etc. –, solicitar aos estudantes que formulem, a partir desses problemas, temas pontuais e questões de pesquisa que possam dar lugar a estudos que permitam obter respostas com métodos precisos, depois questioná-los sobre como pretendem trabalhar, considerando os recursos disponíveis e as dificuldades práticas. Por exemplo, se o problema gira em torno da credibilidade do intérprete na opinião dos usuários, e a atenção se fixa no parâmetro “idade do intérprete”, podem-se levantar questões que vão focalizar os aspectos operacionais do estudo visado:

- Quais são suas hipóteses sobre a credibilidade do intérprete, em função da idade, na opinião dos usuários? Como se fundamentam? Apenas em sua intuição? Encontrou algo na literatura sobre o assunto? Em que você pretende inovar?
- Se você não encontrou nada, tem objetivos a explorar ou deseja verificar uma hipótese precisa?
- Você pensa que os usuários de serviços de interpretação se sentem mais confiantes quando o intérprete tem uma certa idade? Como vai verificar essa hipótese? Vai fazer a pergunta diretamente a eles? Onde os encontraria? Com quais recursos aplicaria as questões? Trata-se de uma entrevista que será realizada? Até que ponto você pensa que uma resposta a um questionário ou a uma entrevista refletirá a realidade?
- Se você escolher não aplicar um questionário/entrevista, mas medir a reação dos representantes em relação aos intérpretes mais ou menos jovens, como vai proceder? Por um método natural, em uma conferência onde trabalham intérpretes de diferentes faixas etárias? Nesse caso, como garantiria que a qualidade do trabalho de intérpretes de diferentes idades é aproximadamente a mesma? Se você pretende proceder por experimentação, como organizaria a experiência? Com quantos intérpretes e quantos usuários? Onde os recrutaria? Está consciente da variedade que você corre o risco de encontrar, tanto no âmbito do desempenho dos intérpretes em relação a diferentes aspectos da qualidade quanto da avaliação que os clientes farão deles? Como pretende resolver esse problema?

Pretende-se, com essas questões entre muitas outras, provocar os estudantes a tomar consciência de que a pesquisa inscreve-se em um espaço “econômico” onde os recursos – conhecimentos, *savoir-faire*, tempo, partici-

pantes, equipamento, etc. – são limitados e onde uma reflexão sobre a viabilidade de cada projeto deve necessariamente anteceder o trabalho. Uma vez sensibilizados, eles refletirão mais quando da preparação de seus projetos e terão um melhor resultado.

#### 4.3 Os cursos

De modo geral, tais questões deveriam ser trabalhadas no âmbito do programa de formação de jovens pesquisadores de cada instituição. Contudo, pode acontecer que essa preparação não seja possível, ou porque nenhum docente com a competência desejada esteja disponível, ou porque existem profissionais capacitados em pesquisa, mas especializados em outra área dos estudos da tradução, diferente daquela que interessa a um certo número de estudantes ou de professores que queiram realizar um projeto de pesquisa. Nesse caso, outra solução consistiria em organizar cursos, por exemplo, de três a quatro encontros de meio-turno, ou seja, de nove a doze horas de duração, ministrados por especialistas convidados. Aliás, o mesmo princípio poderia ser aplicado para outros itens do *savoir-faire* de pesquisa, tais como a utilização de *softwares* de análise estatística, a preparação e análise de *corpus*, a concepção e realização de investigações com questionários e entrevistas, ou ainda com temas como as técnicas de amostragem, a transcrição de registros de áudio, etc.

Esses cursos estariam inscritos, também, não em outro aspecto, mas, em sentido amplo, em um aspecto “econômico”. Isto posto, deve-se discutir seu custo, como, aliás, seu reconhecimento institucional. Para que o sistema avance bem, seria bom que os créditos dos alunos participantes fossem validados de alguma forma. Seria também necessário que os professores convidados fossem remunerados, ou então que os cursos fossem incluídos em seu currículo de docente na universidade de origem, o que já é mais complicado de organizar. O custo financeiro dessas operações pode, aliás, ser reduzido consideravelmente pelo emprego de tecnologias de informação e comunicação que permitem eventualmente realizar alguns cursos ou acompanhamento pós-curso a distância.

#### 4.4 E depois?

Para além dessas propostas, pode-se visualizar uma cooperação muito mais estreita entre as diferentes instituições de estudos da tradução e programas de formação de intérpretes e tradutores onde também há pesquisa. Os estudos da tradução em geral, e sobretudo a pesquisa em interpretação, têm uma demografia distribuída de modo muito desigual. Se em alguns estabelecimentos, como a Universidade de Granada (Espanha) ou a Universidade de Bolonha (Itália), encontra-se um número relativamente grande de pesquisa-



dores especializados em interpretação, em outras instituições há bem poucos ou nenhum. Recebo regularmente mensagens de estudantes de outros países que querem trabalhar na pesquisa sobre interpretação e que se lamentam por não haver orientadores de pesquisa capacitados para essa especialidade em suas universidades.

O isolamento não favorece a motivação nem a capacitação. Atualmente, a tecnologia moderna permite orientar dissertações e teses a distância. Por que, então, não compartilhar os recursos humanos, permitindo aos estudantes interessados e aos potenciais orientadores de pesquisa, geograficamente afastados, trabalharem juntos? Uma vez mais, aparece o problema do aspecto “econômico”. Os orientadores têm tempo e energia limitados, e a ausência na universidade de estudantes cujos projetos lhes interessem, obrigam-nos, com frequência, a se ocuparem de estudos que estão fora de sua alçada, tornando-os, rapidamente, menos motivados e menos disponíveis para outros trabalhos. Seria bem mais sábio prever uma aproximação transuniversitária e, eventualmente, transfronteiriça de orientadores de pesquisa e de estudantes em função dos interesses de cada um. Mas para isso, seria necessária uma certa vontade política, uma certa flexibilidade administrativa e convênios interuniversitários. São essas atitudes e medidas, enfim, que poderiam remediar a situação mencionada inicialmente.

### Bibliografia

- ANAZAWA, R., H. ISHIKAWA, T. KIUCHI, The accuracy of medical interpretations: A pilot study of errors in Japanese-English interpreters during a simulated medical scenario, *Translation & Interpreting* 4, 1, 2012, 1-20.
- COLLADOS AÍS, Á., E. M. PRADAS MACÍAS, E. STÉVAUX, O. GARCÍA BECERRA (eds.), *La evaluación de la calidad en interpretación simultánea: parámetros de incidencia*, Granada, Editorial Comares, 2007.
- ERSÖZ DEMIRDAG, H., *L'enseignement de l'interprétation consécutive: une étude de cas turc-français*, Thèse de doctorat, Université Paris 3 Sorbonne Nouvelle, 2013.
- GILE, D., *La traduction. La comprendre, l'apprendre*, Paris, Publications Universitaires de France, 2005.
- GILE, D., L'interdisciplinarité en traductologie. Une optique scientométrique, in ÖZTÜRK KASAR, S. (ed), *Interdisciplinarité en traduction*, Istanbul, Isis, 2006, II, 23-37.
- GILE, D., Errors, omissions and infelicities in broadcast interpreting. Preliminary findings from a case study, in ALVSTAD, C., A. HILD & E. TISELIUS (eds.), *Methods and Strategies of Process Research. Integrative Approaches in Translation Studies*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2011, 201-218.

- IVANOVA, A., The Use of Retrospection in Research on Simultaneous Interpreting, in TIRKKONEN-CONDIT, S. & R. JÄÄSKELÄINEN (eds.), *Tapping and Mapping the Processes of Translation and Interpreting*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2000, 27-52.
- JÄÄSKELÄINEN, R., Focus on Methodology in Think-aloud Studies on Translating”, in TIRKKONEN-CONDIT, S. & R. JÄÄSKELÄINEN (eds.), *Tapping and Mapping the Processes of Translation and Interpreting*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2000, 71-82.
- KAHNEMAN, D., *Thinking Fast and Slow*, London, Penguin, 2012.
- NAPIER, J., Interpreting Omissions. A new perspective, *Interpreting*, 6, 2, 2004, 117-142.
- MARTIN, A. and M. TAIBI, Complexities of high profile interpreting. The case of the Madrid train bomb trial, *Interpreting* 14, 2, 2012, 145-164.
- NASR, M., *La didactique de la traduction - une étude scientométrique*, thèse de doctorat, université Paris 3 Sorbonne Nouvelle, 2010.
- PÖCHHACKER, F., ‘Those Who Do...’: A Profile of Research(ers) in Interpreting, *Target* 7, 1, 1995, 47-64.
- PÖCHHACKER, F., Broader, better, further: Developing Interpreting Studies, in PYM, A. & A. PERKRESTENKO (eds.), Tarragona, Intercultural Studies Group, 2009, 41-37. [http://isg.urv.es/publicity/isg/publications/trp\\_2\\_2009/index.htm](http://isg.urv.es/publicity/isg/publications/trp_2_2009/index.htm)
- PYM, A., Ideologies of the Expert in Discourses on Translator Training, *Koiné*, 4, 1994, 139-149.
- SNOW, P., The two cultures, *Leonardo*, Vol. 23, No. 2/3, New Foundations: Classroom Lessons in Art/Science/Technology for the 1990s, 1990 [1959], 169-173.
- STROLZ, B., *Theorie und Praxis des Simultandolmetschens. Argumente für einen kontextuellen Top-down Ansatz der Verarbeitung und Produktion von Sprache*, thèse de doctorat non publiée, université de Vienne, Autriche, 1992.
- TOURY, G., *In search of a theory of translation*, Tel-Aviv, The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.
- TOURY, G., *Translation Studies and Beyond*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 1995.
- VIK-TUOVINEN, G.-V., The Interpreters’ Comments in Interpreting Situations, in TIRKKONEN-CONDIT, S. & R. JÄÄSKELÄINEN (eds.), *Tapping and Mapping the Processes of Translation and Interpreting*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2000, 17-26.
- Outras leituras recomendadas pelo autor:
- GILE, D., H. DAM, F. DUBSLAFF, B. MARTINSEN, A. SCHJOLDAGER (eds.), *Getting Started in Interpreting Research*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2001.
- NICODEMUS, B. & L. SWABEY (eds.), *Advances in Interpreting Research*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2011.